



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de Novembro de 2022



Sim Sinhô, imagens ricas. Fotoetnografia da Comunidade Quilombola do Ausente¹

Nilmar Lage²
Alan Faber do Nascimento³
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

RESUMO

O Vale do Jequitinhonha é conhecido pelas suas riquezas minerais e diversidade cultural, contudo, oportunamente, o reconhecimento “vale da miséria” foi construído por ações políticas e pela imprensa para representar a região. A proposta deste trabalho é ressignificar esse reconhecimento social, a partir de uma fotoetnografia desenvolvida com as pessoas da Comunidade Quilombola do Ausente, no município do Serro/MG. Uma pesquisa construída na participação e cumplicidade, repensando conceitos e valores, provocando-os para que também trouxessem um olhar particular para apresentar sua comunidade, além de participarem, de alguma forma, da edição final das imagens.

PALAVRAS-CHAVE: fotoetnografia; antropologia visual; pesquisa participante; quilombola; ausente.

Apresentação

Marcado ao longo da história moderna e contemporânea do Brasil por suas riquezas minerais, diversidades naturais e cultural, além da desigualdade estrutural que marca o país, foi a partir da década de 1960 que o Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, outrora chamado de continente (MORENO, 2011), passou a ser reconhecido como “vale de miséria” (SERVILHA, 2012). Um reconhecimento construído de maneira institucional, de forma a garantir, por exemplo, relações de serventia com políticos que nem sequer viviam na região (ABNER, MARTINS, SILBY, 2011); (SERVILHA, 2012). Ao que se soma o reforço por parte da imprensa, que ora endossava o discurso oficial dos militares

¹ Trabalho apresentado no GT1 – Fotografia Documental.

² Mestre do Programa de Pós-Graduação em Estudos Rurais da UFVJM, e-mail: nilmarlage@gmail.com

³ Professor e orientador do Programa de Pós-Graduação em Estudos Rurais da UFVJM, e-mail: alan.faber@ufvjm.edu.br



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de Novembro de 2022



sobre a pobreza do Vale do Jequitinhonha, ora enalteciam ricos criadores de gado da região (FALCÃO, 2013); (SILVA, 2007). A partir de críticas feitas sobre imagens estereotipadas (SOTANG, 2003; 2004), que visam transfigurar um modo de vida, com suas dificuldades inclusas, em uma epifania dos pobres (MARTINS, 2008), propusemos uma fotoetnografia (ACHUTTI, 2004) que pudesse, a partir dessa observação participante (BRANDÃO, 1999) na Comunidade Quilombola do Ausente, no município do Serro, Alto Jequitinhonha, apresentar uma alternativa de leitura visual para região.

Partindo do pressuposto de uma pesquisa prévia, com intencionalidade e unidade na construção do texto imagético, a fotoetnografia conceituada por Achutti (2004) indica a necessidade de alguns parâmetros que a diferem de uma antropologia visual. Conhecimento técnico do equipamento e linguagem fotográfica para melhor desenvolvimento do trabalho e uma construção narrativa que dê conta de ser um texto etnográfico majoritariamente composto por imagens (ACHUTTI, 2004). Um domínio da técnica que não se apresenta como uma prisão a um formato padrão, mas sim como uma ferramenta libertadora para explorar no ato fotográfico aquilo que Walter Benjamin (1985) classifica como inconsciente ótico, que é a capacidade do equipamento de permitir registros não alcançados a olho nu.

Acreditamos que interpretar o modo de vida dessas pessoas é uma ação marcada pela subjetividade do fotógrafo artista (ROUILLÉ, 2009). Também a escolha por conviver, aproximar-se, criar e fortalecer laços, construindo uma relação de cumplicidade (MEDINA, 1996), mas deixando sempre em evidência a função do fotoetnógrafo (ACHUTTI, 2004). Assumindo essas posições, trabalhando com ética e responsabilidade, não cremos em um discurso ultrapassado de objetividade da fotografia. Pelo contrário, assumimos uma construção estética conceitual para elaborar esse texto “etnopoético” (BRANDÃO, 2004), majoritariamente composto por imagens e que busca ser uma ressignificação ao reconhecimento de “vale da miséria”.

Durante a pesquisa, além de contar com os estudos já desenvolvidos como “O Vale do Jequitinhonha, entre a ‘di-visão’ pela pobreza e a



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de Novembro de 2022



ressignificação pela identidade regional” (SERVILHA, 2012). Bem como o trabalho de Dalva Maria de Oliveira Silva em “A arte de viver: riqueza e pobreza no médio Jequitinhonha – Minas Gerais de 1970/1990”. Nos referenciamos também pelo diagnóstico produzido pela Fundação João Pinheiro, intitulado “Plano de Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha” (2017). O estudo aponta uma série de questões que esclarecem aspectos que favoreceram e favorecem a histórica desigualdade na distribuição de renda na região. Ilustrando também algumas estratégias que podem ser exploradas e ou melhoradas, no sentido de promover uma maior autonomia econômica do Vale do Jequitinhonha e que são identificadas em nosso trabalho na Comunidade Quilombola do Ausente, como possibilidades de ressignificar o reconhecimento “vale da miséria”

A pesquisa documental utilizou o acervo de veículos de comunicação com tiragem nacional, como Revista Manchete, O Cruzeiro e Jornal do Brasil, e, também, o jornal GERAES, que circulou regionalmente no Vale do Jequitinhonha entre 1978 e 1985. O recorte temporal para a busca no acervo digital da Biblioteca Nacional foi assim delimitado: de 1964, ano que foi criada a Comissão de Desenvolvimento do Vale – CODEVALE (SERVILHA, 2012), até 1985, quando o jornal GERAES deixa de circular. Em nossas buscas nos acervos, nos guiamos pelos verbetes “vale da miséria”, “vale da pobreza” e “Vale do Jequitinhonha”, nas revistas Manchete e O Cruzeiro, além do periódico Jornal do Brasil. Para as edições do jornal GERAES, utilizamos como referência uma compilação impressa, lançada em 2011 com todas as edições do periódico.

Sendo o pesquisador uma pessoa de fora da comunidade, uma dupla de autóctones foi convidada a colaborar com a pesquisa que propunha uma ressignificação visual sobre a comunidade na qual nasceram e se desenvolveram. Drilene e Gordo foram provocados, a partir de encontros individuais com conversas teóricas sobre a fotoetnografia, a apresentar o olhar de cada um sobre a comunidade, bem como participar da seleção final das imagens.

O Vale em Imagens



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de Novembro de 2022



Para ser uma espécie de antítese sobre a imagem estereotipada do sertão (LEITÃO; FILHO, 2020), promovida pelo agendamento da imprensa a partir de interesses políticos e econômicos (AZEVEDO; AZEVEDO, 2021), que podem ser compreendidos no semiárido como um todo, não apenas ao Vale do Jequitinhonha, procuramos enaltecer aquilo que consideramos riquezas regionais. A saber, procuramos explorar visualmente o modo de vida destas pessoas, as belezas naturais pouco exploradas, os saberes tradicionais mantidos, a cultura do extrativismo em harmonia com o meio ambiente, a religiosidade, o acolhimento (GALIZONI, 2013). Valores outros, não computados em cartões de crédito ou contabilizados no PIB (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2017).

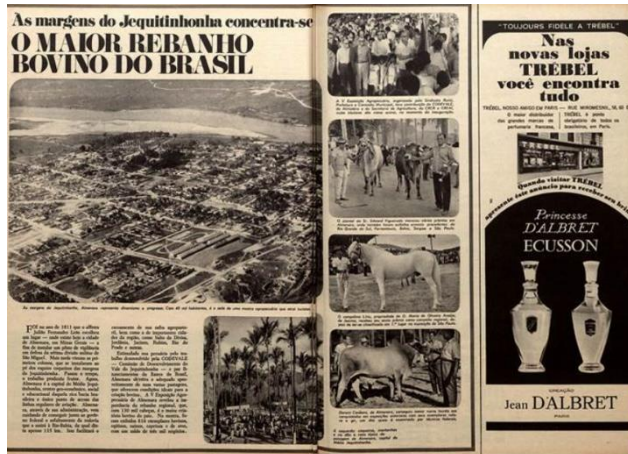
A não identificação com esse modo de vida tradicional, e/ou principalmente a disputa de narrativas pelos poderes políticos e econômicos, fez com que a representação social (JODELET, 1993) “vale da miséria” fosse amplamente utilizada na imprensa para representar o todo da região. Contudo, como a imprensa tem seus interesses a partir dos critérios de noticiabilidade, eram, ou são, comuns as contradições (SOUZA, 2000) (KOSSOY, 2020).

Para ilustrar as contradições nas narrativas, apresentamos um comparativo de reportagens publicadas pela revista Manchete, em momentos distintos, sobre a cidade de Almenara (Baixo Jequitinhonha). A edição número 796⁴ de 1967, destaca o potencial bovino da região, sendo chamado de maior rebanho do Brasil (figura 1).

Em contraponto, na edição número 1122, a mesma Almenara que foi representante do dinamismo e riquezas da agropecuária, agora é colocada como um lugar sem desenvolvimento. A chegada das subestações de energia foi tratada como um marco do progresso na cidade e região, não como uma desigualdade estrutural do país. O estereótipo de “vale da esperança” é interpretado por uma pessoa com vestimentas de couro, típicas do sertanejo, olhando para a subestação de energia elétrica (figura 2).

⁴ Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/004120/79098>>. Acesso em 21 de maio de 2021.

Figura 1 - Reprodução Revista Manchete, 1967, edição 796.



Fonte: Acervo on-line Biblioteca Nacional.

Figura 2 - Reprodução Revista Manchete, 1973, edição 1122.



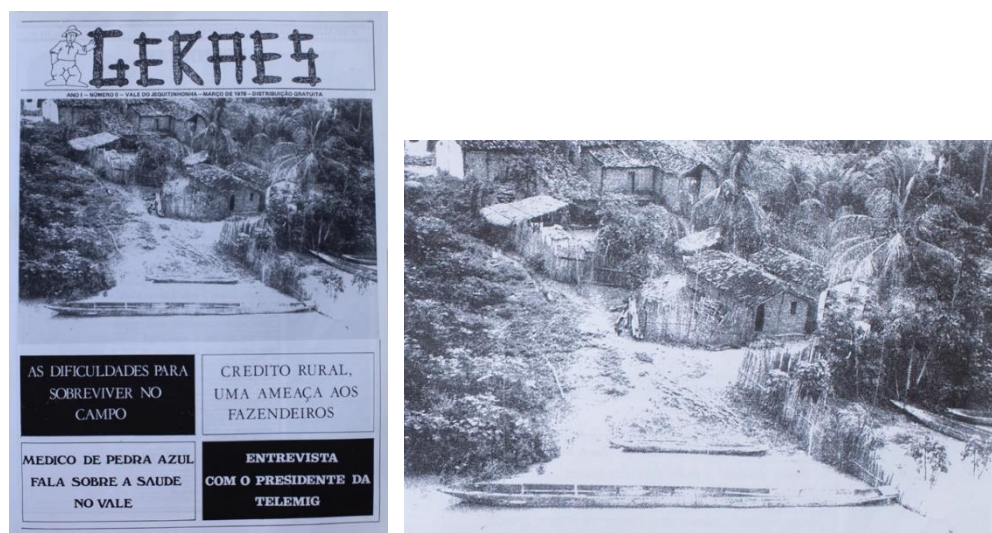
Fonte: Acervo on-line Biblioteca Nacional.

Provocados pela falta de representatividade e incomodados pela forma como o Vale do Jequitinhonha era exposto na mídia convencional, um grupo de jovens, naturais do Vale, mas estudando em Belo Horizonte, resolveu criar um veículo que fosse um contraponto à representação “vale da miséria” (MARTINS, 2012). O jornal GERAES surge então com a responsabilidade de mostrar “a realidade do Jequitinhonha”, como dizia o jargão do periódico (ABNER, MARTINS, SILBY, 2011).

No entanto o GERAES não conseguiu de imediato promover a quebra do estigma que criticava. Conforme observamos, e respaldados também por uma pesquisa de Ramalho e Doula (2009), apesar de promover alguma abertura para que a população do Vale do Jequitinhonha se manifestasse através de cartas, textos ou poesias, o jornal continuava a reforçar estigmas trazidos pela imprensa hegemônica. Imagens de uma região sofrida, com discursos sem perspectivas onde não eram reconhecidos os indivíduos e suas conquistas, lutas e particularidades.

A primeira capa do GERAES já apresenta uma fotografia que de certa forma é o estereótipo que deveria ser questionado: uma paisagem de casas às margens do rio Jequitinhonha em Almenara, denuncia a pouca infraestrutura das moradias. Casas de pau a pique com cercas de bambu, apresentam a “realidade do Jequitinhonha”, defendido pelo jornal. Contudo, também pautado pelo editorial do GERAES, os aspectos culturais e tradicionais do Vale do Jequitinhonha, não apareceram.

Figura 3 – Reprodução GERAES, Ano I, edição 0.

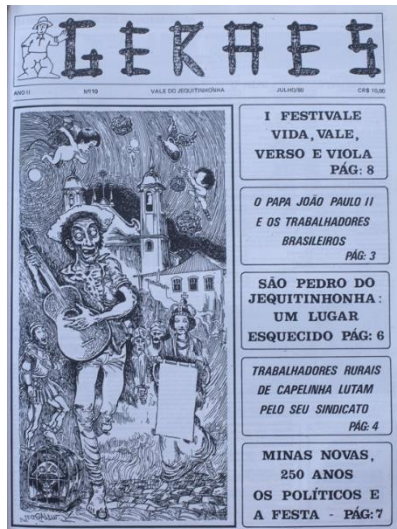


Fonte: GERAES – A realidade do Jequitinhonha.

Em um processo de mudança no discurso, que acreditamos ser considerado como evolução, o agendamento promovido pelo GERAES ao longo das edições mudou. Textos que destacam a organização trabalhista e das

mulheres do Jequitinhonha, além da movimentação cultural vão de encontro à valorização do éthos experienciado no Vale do Jequitinhonha (ABNER, MARTINS, SILBY, 2011).

Figura 4 – Reprodução GERAES, Ano II, edição 10.



Fonte: GERAES – A realidade do Jequitinhonha.

Fotoetnografia da Comunidade Quilombola do Ausente

A Comunidade Quilombola do Ausente foi reconhecida como remanescente de quilombo, pela Portaria n.º 177, de 31 de agosto de 2012, publicada no Diário Oficial da União em 3 de setembro de 2012⁵. De acordo com a Prefeitura Municipal do Serro, “os habitantes do Ausente se originaram da comunidade do Baú, situada em Serro na encosta do Espinhaço. São de origem Banto, da região centro-sul do continente africano”⁶.

Conforme o secretário da Associação dos Moradores da Comunidade Quilombola do Ausente, José da Conceição, conhecido como Gordo, existem 73 famílias na comunidade, totalizando aproximadamente 300 pessoas que vivem

⁵Disponível em <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=03/09/2012&jornal=1&pagina=6&totalArquivos=232> > . Acesso em 03 de novembro de 2021.

⁶ Disponível em <[Comunidades Quilombolas \(serro.mg.gov.br\)](http://ComunidadesQuilombolas(serro.mg.gov.br))>. Acesso em 25 de maio de 2021.



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de Novembro de 2022



principalmente da agricultura familiar. Contudo, o garimpo também já foi importante fonte de renda no quilombo.

Para construir a interpretação fotoetnográfica sobre o cotidiano do Ausente, a convivência mostrou-se fundamental para que uma proposta imagética conceitual fosse acolhida pela comunidade. Em uma das visitas em campo, observei Tina saudando outra pessoa: “Sim sinhô Tina”, disse Dolores. “Sim sinhô Dorinha”, respondeu Laurentina. Indagada pela minha curiosidade, Tina disse que “sim sinhô” é uma espécie de saudação de retorno, quando você já viu a pessoa naquele dia e reencontra mais tarde. “É no retorno que fala”, nos ensina a lavradora. Assim, por experimentar um certo reencontro documental com a comunidade, após ter desenvolvido em 2014 o documentário *Remanescência* (2014), elegemos essa saudação de retorno para nomear a atual pesquisa.

As escolhas técnicas e estéticas para a produção da fotoetnografia, são de certa forma reafirmadas pela convivência com essas pessoas da Comunidade Quilombola do Ausente. Escolho trabalhar, geralmente, com imagens subexpostas, um erro técnico consciente, utilizado para buscar certa dramaticidade nas imagens. Fotografo pessoas naturalmente apagadas pelo processo do reconhecimento hegemônico, por isso precisamos chegar perto delas para descobri-las e para descobrir seu modo de vida, valores, hábitos.

Esse movimento de aproximação é pensado também para as imagens interpretadas do cotidiano das pessoas, é preciso prestar atenção, descobrir o que está no recorte feito e perceber a personagem que se apresenta pelo contexto a sua volta. Essa aproximação não é apenas para entender suas questões ou expressão cultural, mas uma forma de “incorporá-las às necessidades coletivas mais gerais, sem ocasionar a perda de sua identidade” (BRANDÃO, 1999, p. 47). É a luta do coletivo, mas naquela imagem representamos o indivíduo em sua particularidade.

O sociólogo Orlando Fals Borda (apud BRANDÃO, 1999) traça considerações sobre o significado e também sobre o papel da academia com a participação popular, chamando a atenção para combater canais de alienação

que surgem de valores burgueses, impedindo um protagonismo camponês. Uma das estratégias da pesquisa para evitar a falta de representatividade camponesa, foi promover a devolutiva para a comunidade. Em nosso caso optamos fazer uma espécie de recorte final com a dupla, Dirlene e Gordo, que participou ativamente do processo. Ainda em um cenário de pandemia da Covid-19 e com variantes suscetíveis a uma contaminação mais rápida⁷, avaliamos que não seria viável promover uma atividade que provocasse a aglomeração das pessoas em uma espécie de exposição, neste momento final da pesquisa.

Dirlene

Dirlene Mercês Cândido Veríssimo tem 48 anos e é nascida no Ausente. A principal ocupação é o trabalho na roça, plantando verduras e hortaliças, produzindo temperos, quitandas e rapadura que são vendidos tanto para projetos da Prefeitura Municipal do Serro, quanto nas feiras livres. Sua releitura sobre o reconhecimento “vale da miséria”, foi categorizada em: “Horta”, “Horta irrigada”, “Jabuticaba”, “Banana”, “Horta de beterraba”, “Rosquinhas de beterraba”, “Quitanda”, “Mandioca colhida”, “Mandioca descascada”, “Bolo Mané Pelado”, “Netas”, “Galinheiro”.

Horta de beterraba



Rosquinha de beterraba



Mandioca colhida



Fonte: Dirlene

⁷ De acordo com a Organização Mundial da Saúde, a variante Ômicron identificada em novembro de 2021, por se alastrar de maneira muito rápida, foi responsável por uma infecção recorde de três milhões de pessoas em todo o mundo em apenas 24 horas. Disponível em . Acesso em 14 de janeiro de 2021.

Gordo

José da Conceição Brandão, o Gordo, com 40 anos e nascido no Ausente. Gordo é uma pessoa sensível para se expressar e atento às questões da tradição na comunidade. Apesar de já ter migrado do Ausente para trabalhar, Gordo estabeleceu-se na comunidade. Atualmente, alterna sua fonte de renda entre trabalhos na construção civil, produção de peças artesanais em bambu e o seu empreendimento que é o bar “Cantinho do Céu”.

A partir da pergunta provocadora “qual a imagem que representa a Comunidade Quilombola do Ausente”, Gordo apresenta suas impressões as quais categorizamos em: “Almoço no bar Cantinho do Céu”, “Plantio”, “Produção de conservas”, “Construção civil vernacular”, “Produção de cerca de bambu”, “Banco de sementes”.

Produção de conservas



Fonte: Gordo

Banco de sementes



Construção de cerca de bambu



Sim Sinhô, imagens ricas

Despalavra (Manoel de Barros)

Hoje eu atingi o reino das imagens, o reino da despalavra. Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades humanas. Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades de pássaros. Daqui vem que todas as pedras podem ter qualidades de sapo. Daqui vem que todos os poetas podem ter qualidades de árvore. Daqui vem que os poetas podem arborizar os pássaros. Daqui vem que todos os poetas podem humanizar as águas. Daqui vem que os poetas devem aumentar o mundo com as suas metáforas. Que os poetas podem ser pré-coisas, pré-vermes, podem ser pré-musgos. Daqui vem que os poetas podem compreender o mundo sem conceitos. Que os poetas podem refazer o mundo por imagens, por eflúvios, por afeto.

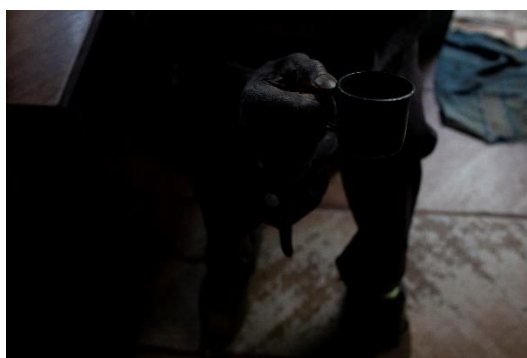
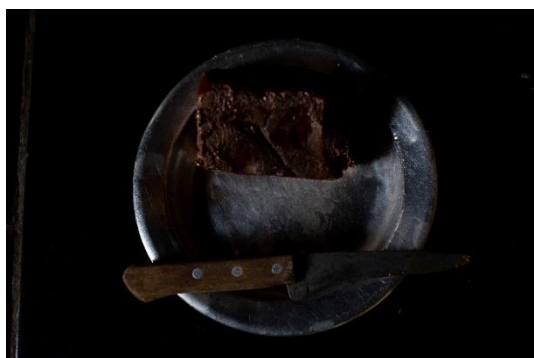
Presença



Pandemia



Cana, rapadura, café



Autoconsumo e feira



Religiosidade



Convivência com o semiárido



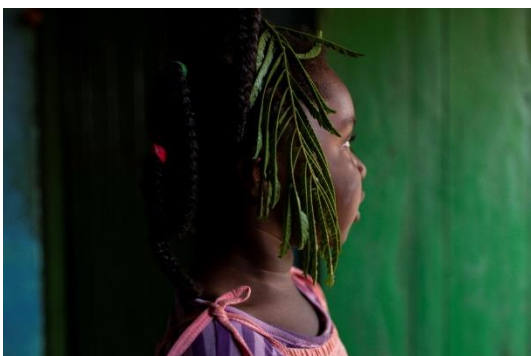
Extrativismo



Patrimônio



Pessoas





V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de Novembro de 2022



Sim Sinhô, percepções finais.

Ao apresentar minhas impressões fotoetnográficas sobre a Comunidade Quilombola do Ausente, impressões aqui determinadas pelo recorte temporal da pesquisa, mas que vêm sendo construídas por constantes retornos ao território, sinto contemplado algumas inquietudes pessoais. Percebo uma ampliação na rede de relações com a comunidade, uma disposição de conviver em harmonia com o semiárido; o esforço para manter costumes seculares; o respeito pela experiência dos mais velhos; o respeito pelos limites da outra pessoa; o modo de vida simples, mas com singularidades que transformam os lugares e as casas em verdadeiros palácios; o acolhimento sempre gentil; a valorização do extrativismo; a ciência popular como valores e outras tantas buscas pelo bem viver (ACOSTA, 2016).

Por sua pertinência provocativa, sigo percebendo certo alinhamento das imagens com o que sugere Brandão a partir de uma leitura crítica sobre trabalhos etnográficos que se propõem ao uso de fotografias. Para ele essas imagens devem extrapolar o ofício de ser um mero recreio durante a leitura.

Que elas não somente informem, mas ilustrem. Que elas não apenas ilustrem, mas comuniquem. Que não só comuniquem, mas sugiram comunicações. Que não apenas sugiram, mas seduzam. Que elas toquem, provoquem recordações e emocionem, se possível. Pois, tal como em um forte e belo texto da literatura antropológica, sempre uma bela sequência de fotos gratifica o olho e a sensibilidade de quem a vê. Porque sempre deve haver neles bastante mais do que o apelo artificial a uma boa informação, na antessala de uma boa análise complementar (BRANDÃO, 2004, p. 48).

Entendo este trabalho não como uma conclusão, resposta definitiva para uma questão problematizada há anos. Mas ele faz coro à uma série de pesquisas que refutam esse desejo político, econômico e cultural de propagar uma visão estereotipada do Vale do Jequitinhonha e assim, acreditamos que respondemos positivamente à pergunta indutiva: “É possível ressignificar esse olhar sobre o Vale do Jequitinhonha, a partir do que a Comunidade Quilombola do Ausente, vê de si mesma?”



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de Novembro de 2022



REFERÊNCIAS

ABNER, George; MARTINS, Tadeu; SILBY, Aurélio (org). **GERAES – A realidade do Jequitinhonha**. Belo Horizonte: NEOPLAN, 2011.

ACHUTTI, Luiz Eduardo R. **Fotoetnografia da Biblioteca Jardim**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Tomo Editorial, 2004.

ACOSTA, Alberto **O bem viver, uma oportunidade para imaginar outros mundos**. Tradução Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento – Fragmentos filosóficos**. Trad Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

AZEVEDO, Carlos Alberto Farias de; AZEVEDO, Sandra Raquew dos S. Observatório do jornalismo no Semiárido: O discurso da convivência com a seca/Semiárido e seu agendamento na imprensa e nas campanhas eleitorais nas Eleições 2014. In AZEVEDO, Sandra Raquew dos Santos (Org.) **Comunicação no Semiárido Brasileiro**. João Pessoa: Marca da Fantasia, 2021.

BARROS, Manoel. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Pequena História da Fotografia**. In Magia e técnica, Arte e Política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Fotografar, documentar, dizer com a imagem**. In: Cadernos de Antropologia e Imagem, Rio de Janeiro: UERJ, NAI, n. 18, p. 27 - 53, 2004.

EDITAL Nº 414/2021. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 03 agosto 2021. Edição 145. Seção 3, p. 4.

FALCÃO, Greyce. A imprensa a serviço do golpe: O AI-5 nas páginas da Revista Manchete (1968-1979). In 9º ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA. Ouro Preto, 2013. Disponível em < <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-imprensa/a-imprensa-a-servico-do-golpe-o-ai-5-nas-paginas-da-revista-manchete-1968-1979>> Acesso em 03 de setembro de 2021.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Plano de desenvolvimento para o Vale do Jequitinhonha**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2017.

GALARD, Jean. **Beleza Exorbitante – reflexões sobre o abuso estético**. Trad. Iraci D. Poleti. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2012.



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de Novembro de 2022



GALIZONI, Flávia Maria (org), **Lavradores, águas e lavouras. Estudos sobre gestão camponesa de recursos hídricos no Alto Jequitinhonha.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

GRANDI, Larissa; OSWALDO, Munteal. **A imprensa na história do Brasil – Fotojornalismo no século XX.** Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2005.

HABERMAS, Jürgen. **A inclusão do Outro.** São Paulo: Edições Loyola, 2004.

JODELET, Denise. Représentations sociales: un domaine en expansion. In D. Jodelet (Ed.) **Les représentations sociales.** Paris: PUF, 1989, p. 31- 61. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão Técnica: Alda Judith Alves Mazzotti. UFRJ- Faculdade de Educação, dez. 1993.

JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ: 1964-1985. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&pagfis=1>. Acesso em 19 de março de 2021.

KANT, Immanuel, 1724-1804. **Metafísica dos Costumes / Immanuel Kant** ; trad (primeira parte) Clélia Aparecida Martins, trad (segunda parte) Bruno Nadai, Diego Kosbiau e Monique Hulshof. – Petrópolis, RJ: Vozes 2013 - Edição digital.

KOSSOY, Bóris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**, 6. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2020.

LEITÃO, Juliana & FILHO, Miva (org). **Sobre fotografia e sertão**, Recife: FacForm, 2018, 90p.

MARTINS, José de Souza. A epifania dos pobres da terra. In: Lorenzo Mammi e Lília Moritz Schwarcs (Org) **8 X fotografia: ensaios.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 133 - 172.

MARTINS, Tadeu. Geraes: uma história do Jequitinhonha. IN: NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel (org.). Belo Horizonte: UFMH/PROEX, 2012. p. 148 - 168.

MEDINA, Cremilda. **Povo e Personagem.** 1ª ed. Canoas, RS: Ulbra, 1996.

MORENO, Cezar, **A guerra justa contra os índios, colonização e povoamento do Jequitinhonha**, 2ª ed. Belo Horizonte, Canoa das Letras, 2011.

O CRUZEIRO, São Paulo, SP: Diário Associados, 1964-1985. Disponível em <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=003581&pagfis=1>>. Acesso em 19 de março de 2021.

REMANESCÊNCIA. Direção: Ana Clara Silva; Leila Cunha; Nilmar Lage; Thiago de Oliveira Moreira. Produção: Fixa - Imagem e Memória. 2014. 1 DVD.



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de Novembro de 2022



REVISTA MANCHETE, Rio de Janeiro, RJ: Bloch Editores, 1964-1985. Disponível em <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=004120&pasta=312091;&pagfis=1>>. Acesso em 19 de março de 2021.

ROUILLÉ, André. **A fotografia entre o documento e a arte contemporânea**. São Paulo: Senac, 2009.

SILVA, Dalva Maria de Oliveira. **A arte de viver: riqueza e pobreza no médio Jequitinhonha – Minas Gerais de 1970/1990**. São Paulo: Educ, 2007.

SERVILHA, Matheus de Moraes, **O Vale do Jequitinhonha entre a “di-visão” pela pobreza e a resignificação pela indetidade regional**, 355 p. 2012. Tese de Doutorado, Universidade Federal Fluminense.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. Paris: Christian Bourgois, 2003.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Editora Grifos, 2000.